



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar para a entrega da condecoração da insígnia de ouro da “America’s Society” (Sociedade das Américas) e do “Council of the Americas” (Conselho das Américas)

Nova Iorque-EUA, 22 de setembro de 2008

William Rhodes, presidente honorário da Sociedade das Américas e do Conselho das Américas,

Senhora Suzan Segal, presidente das duas Instituições,

Ministro Celso Amorim, das Relações Exteriores do Brasil,

Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Senhores embaixadores Sobel e Antônio Patriota,

Senhoras e senhores empresárias e empresários, americanos e brasileiros,

É uma honra ser condecorado pela Sociedade das Américas e pelo Conselho das Américas, entidades que vêm promovendo um diálogo indispensável. Na verdade, eu queria, antes de prosseguir o meu discurso, dizer que esta medalha, eu não vou repartir-la certamente, porque não tem ouro para todo mundo que me ajudou a fazer com que o Brasil chegasse ao



momento que chegou. De qualquer forma, não é uma medalha só minha. É uma medalha de muita gente, conhecida e desconhecida, que contribuiu para que o Brasil pudesse viver os dias que está vivendo. Vou começar tudo de novo aqui.

É uma honra ser condecorado pela Sociedade das Américas e pelo Conselho das Américas, entidades que vêm promovendo um diálogo indispensável. Aproximam os setores público e privado na busca de respostas para os desafios de um mundo em rápida transformação. Neste momento de incertezas sobre os rumos da economia mundial, este debate não poderia ser mais oportuno.

Apesar do pessimismo dos últimos dias, quero trazer-lhes uma mensagem distinta, uma palavra de otimismo, uma mensagem de confiança no Brasil, um país para o qual quero despertar mais ainda sua atenção. O Brasil deixou de ser “o país do futuro”, como se dizia. Os mais recentes indicadores econômicos e sociais apontam para uma mudança profunda e abrangente no meu país. Conquistamos a estabilidade democrática, pela solidez das instituições e pelo respeito às liberdades civis, e estamos vencendo o maior de nossos desafios: reduzir a pobreza e as desigualdades sociais.

Meus amigos e minhas amigas,

Políticas monetária e fiscal sérias, com controle da inflação, grau de investimento e uma reserva de 207 bilhões de dólares, permitem um crescimento econômico sustentável. Foi aberto no Brasil um novo ciclo de investimentos, pelo setor privado e pelo governo, com ganhos de produtividade.

O Plano de Aceleração do Crescimento-PAC está estimulando todos os segmentos produtivos e eliminando gargalos logísticos. Até 2010, chegaremos a mais de 280 bilhões de dólares em investimentos apenas em infra-estrutura, cobrindo, de habitação e saneamento a transporte, energia e recursos hídricos. Isso sem incluir os enormes investimentos exigidos nos próximos anos pelas



novas descobertas de gás e petróleo na plataforma pré-sal.

Apenas a Petrobras, a empresa brasileira de petróleo, deverá investir mais de 112 bilhões de dólares entre 2008 e 2012. Alguns especialistas calculam que os investimentos mínimos para explorar as reservas do pré-sal ultrapassarão os 600 bilhões de dólares. Se isso acontecer, o José Sergio será o sheik brasileiro.

Nos próximos anos, construiremos quatro refinarias, e apenas uma delas – para 600 mil barris diários – exigirá investimentos de 19 bilhões de dólares. É importante lembrar que a última refinaria construída no Brasil foi em 1980. Entre os investimentos já realizados, de 2004 a 2007, e os previstos, de 2008 a 2011, deveremos ter mais de 2 trilhões e 300 bilhões de dólares em investimentos no nosso país.

Gostaria de dar alguns exemplos desses investimentos em alguns setores importantes: 73 bilhões de dólares em geração, transmissão e distribuição de energia; 70 bilhões de dólares em habitação; 55 bilhões e 800 milhões de dólares em extração mineral; 50 bilhões de dólares na indústria naval; 48 bilhões e 300 milhões no setor siderúrgico; 34 bilhões no setor sucroalcooleiro; 25 bilhões e 800 milhões em papel e celulose; 20 bilhões e 500 milhões na indústria automotiva; 13 bilhões e 400 milhões em petroquímica; 11 bilhões e 700 milhões em alimentos e bebidas. Tudo isso que eu falei é em dólares, não é em reais.

Além disso, um trem de alta velocidade que unirá São Paulo e Rio de Janeiro – já em projeto – devendo ser licitado em março de 2009, demandará investimentos de 11 bilhões de dólares. Esse trem-bala vai ligar Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, e nós pretendemos prepará-lo para a Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil. Estamos precisando de investidores.

Nada disso seria possível sem uma política macroeconômica responsável. Hoje o Brasil é credor líquido e nossa economia é muito menos vulnerável. Desde 2004, nossas exportações cresceram mais de 20% ao ano e



devem chegar a 200 bilhões de dólares ainda este ano. Nossa resposta à globalização tem sido diversificar nossa economia, credenciando o Brasil como um ator global.

O País cresce há 26 trimestres consecutivos, criando emprego e renda. A resposta serena do Brasil ao atual momento de turbulência internacional confirma o novo patamar de robustez e segurança que alcançamos. Nessa caminhada, a parceria entre governo, empresários e trabalhadores é indispensável. A eficiência e confiança do setor produtivo, sempre disposto a investir no País, é nosso maior seguro contra as crises.

O resultado de todo esse esforço é a veloz transformação do panorama econômico brasileiro: mais empregos – somente este ano, serão mais de dois milhões de novos empregos – e melhores salários, crescimento da demanda doméstica, nível recorde de reservas, fortalecimento dos mercados de crédito e de capitais.

Minhas senhoras e meus senhores,

Esses números pouco significariam se não traduzissem sensível melhora na qualidade de vida da população brasileira. O ambiente de estabilidade, o aumento do poder aquisitivo e as transferências de renda – via programas como o Bolsa Família – alavancaram o consumo das famílias brasileiras. Essa nova dinâmica social torna o crescimento sustentável.

Nos últimos dois anos, mais de 20 milhões de pessoas saíram da pobreza e se tornaram cidadãos brasileiros. Hoje a classe média tornou-se maioria no País: 86 milhões de brasileiros. Graças a isso, construímos a maior garantia que um país pode ter contra crises globais: a força de um mercado interno que se expande a cada dia.

Desenvolvimento econômico e social equilibrado significa meio ambiente saudável. Com o Plano Amazônia Sustentável, vamos assegurar condições de vida e trabalho digno para os 24 milhões de brasileiros que vivem na região. Esta é a melhor garantia de que a queda de 59% no desmatamento da Floresta



Amazônica, nos últimos quatro anos, será mantida. A energia necessária ao atual ciclo de desenvolvimento no Brasil vem de uma das matrizes mais limpas do mundo: 46% são compostas por fontes renováveis, em contraste com a média mundial, que não passa de 14%.

Os biocombustíveis são um importante aliado nessa estratégia. Ao mesmo tempo, reduzem as emissões de gases de efeito estufa e podem gerar empregos em países pobres e mais segurança energética para todos. A aposta nos biocombustíveis não afetará a produção de alimentos nem a proteção dos biomas. Temos disponíveis 100 milhões de hectares de terras cultiváveis, ou seja, a soma dos territórios da França e da Espanha. Destes, menos de 2% são destinados ao plantio de matéria-prima para os biocombustíveis. No entanto, para que a promessa dos biocombustíveis possa se cumprir, é preciso eliminar barreiras e tratar o etanol como o que ele é: o petróleo verde.

As alternativas energéticas do Brasil não param por aí. Recentes descobertas de gigantescas reservas em nosso litoral deverão dobrar nossa produção petrolífera nos próximos 10 anos. Isso vai gerar oportunidades para empresas brasileiras e estrangeiras. Vamos garantir que os futuros recursos sejam utilizados de forma responsável nos projetos prioritários de desenvolvimento do País: no combate à pobreza e em investimentos na educação.

Amigas e amigos,

O Brasil tem todas as condições para ajudar a responder aos muitos desafios que confrontam o mundo no século XXI. Junto com seus vizinhos da América do Sul, tem importantes recursos energéticos e minerais, de biodiversidade e de grande produção de alimentos, além de um mercado consumidor em expansão. Empresas brasileiras estão atuantes na região, com projetos em telecomunicações, energia, saneamento, habitação e transportes.

Mas não alcançaremos nossa aspiração de viver em um continente de paz e tolerância, se não respondermos às expectativas por justiça e inclusão



social. De forma soberana e democrática, cada país escolheu como responder a esses desafios. O Brasil respeita as escolhas de nossos vizinhos. Contamos com a Sociedade e com o Conselho das Américas para que nossos amigos neste país compreendam e valorizem essa rica diversidade.

Estamos comprometidos com a integração regional. Unidos e coesos, multiplicamos nossas complementaridades e encontramos respostas próprias para nossos problemas. É o que estamos fazendo ao criar a Unasul, e reforçar os laços com os demais países da América Latina e do Caribe.

Esses são passos decisivos rumo a um hemisfério de paz e prosperidade. Confiamos que os Estados Unidos possam acompanhar essa caminhada, com espírito de cooperação e engajamento. Enxergamos nesta grande nação um parceiro indispensável, pela força de um comércio bilateral que se aproxima dos 50 bilhões de dólares, pelos avanços de nossa cooperação técnica e tecnológica, e pelo dinamismo dos investimentos recíprocos.

Nossa agenda de diálogo com o governo norte-americano tem se alargado e se aprofundado. Vai da preocupação com um desfecho favorável da Rodada de Doha à reforma da ONU e às questões do Oriente Médio, e tem como fio condutor o respeito mútuo.

Senhoras e senhores,

Sei que as atenções, nos Estados Unidos, estão voltadas para as eleições presidenciais em novembro. No passado, nessas ocasiões, tradicionalmente nos indagávamos por qual partido ou candidato o Brasil deveria optar. Hoje não precisamos mais fazer essa pergunta. O que importa é saber como nossos países vão potencializar ainda mais nossas relações. Estão em jogo não apenas os benefícios de nossa parceria econômica e comercial, mas o futuro e o bem-estar das Américas.

Quero concluir dedicando a condecoração que acabo de receber, não apenas aos meus amigos, mas ao povo brasileiro, e dizer para vocês que eu



estou vivendo um momento importante, junto com o povo brasileiro.

O Brasil melhorou, pretende melhorar ainda mais, e o que vai acontecer é que o Brasil, finalmente, encontrou o seu destino e pretende se transformar numa grande nação.

Quero agradecer a confiança que todos vocês, parceiros investidores, têm depositado no Brasil, e espero poder continuar contando com a companhia de vocês, pois há muito por fazer e muitas oportunidades à nossa espera.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria apenas concluir dizendo para vocês que o Brasil está determinado, definitivamente determinado, a se transformar numa grande nação. O Brasil, durante o século XX, perdeu muitas oportunidades. Teve momentos excepcionais e, praticamente, os jogou fora. Nós não jogaremos fora esse momento que estamos vivendo. Não iremos gastar mais dinheiro do que precisamos, porque agora encontramos muito petróleo. É exatamente no momento em que estamos vivendo, um momento de crescimento, de desenvolvimento, de geração de riquezas, que aumenta a nossa responsabilidade de pensar no futuro do nosso país.

Todo mundo se lembra que eu tinha medo do segundo mandato. Aliás, tinha *paura* do segundo mandato, porque eu sempre achava que o segundo mandato levava o dirigente à ociosidade, a ficar se deleitando com as glórias da sua reeleição. Eu tinha experiências no Brasil, tinha experiência nas prefeituras. Foi quando nós resolvemos, no dia 22 de janeiro de 2007, lançar o Programa de Aceleração do Crescimento. Nós tínhamos pensado, em setembro do ano anterior, em enumerar um conjunto de obras que o Brasil precisava e que desse para ocupar o tempo do governo durante os quatro anos do segundo mandato.

Posso dizer para vocês que a minha geração... eu fui um dirigente sindical importante no Brasil na década de 80. De 1980 a 2000, foram poucos os momentos em que o Brasil teve alguma chance. Muitas das violências que a



gente vê na televisão hoje no Brasil, muitos jovens de 24 anos que muitas vezes aparecem sendo presos são, no fundo, no fundo, vítimas da irresponsabilidade de políticas econômicas fracassadas e de falta de definição de modelo de desenvolvimento.

Eu penso que nós aprendemos. O Brasil aprendeu muito com os seus erros, da mesma forma que eu aprendi muito com três derrotas presidenciais. Eu me preparei para chegar... E eu dizia para vocês: qualquer presidente pode errar, eu não posso errar, porque se eu errar, dificilmente um operário voltaria a ganhar as eleições no Brasil.

Estou dizendo isso para vocês porque nem sempre as pessoas acreditaram que nós poderíamos dar certo, nem sempre. Mas foi graças ao sacrifício que fizemos em 2003 quando eu era recém eleito presidente da República, que aumentamos o superávit primário e que fizemos o maior ajuste fiscal da história do nosso país, trocando meu capital político pela possibilidade de garantir uma chance ao Brasil para hoje estar colhendo o que estamos colhendo.

Quero afirmar para vocês que não tem volta. Sem nenhuma arrogância, com muita humildade, acompanhamos (inaudível) a crise americana todo santo dia. Nunca estudei tanto as crises do Brasil como estudo a crise americana. Estão quase construindo um muro para não deixá-la ultrapassar o Atlântico. Acho que o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade extraordinária. Vi com bons olhos o governo americano fazer a intervenção que fez na semana passada. Agora, discutir se foi tardiamente ou não...

O importante é que quando se está no governo, se toma decisões quando se pode, em função das circunstâncias políticas. De qualquer forma, a tomada de posição de colocar 700 bilhões de dólares foi uma medida que eu penso que tende a contribuir de forma decisiva para melhorar a situação.

Nós estamos trabalhando com muita atenção e vamos fazer todo o esforço para que essa crise não chegue ao Brasil. Quando os Estados Unidos



não puderem comprar mais do Brasil, nós vamos vender para a Colômbia, Moreno, vamos vender para a Argentina, vamos vender para Angola, vamos vender para os chineses, e vamos também comprar um pouco, porque queremos que os países se desenvolvam.

De qualquer forma, eu queria dizer para vocês que hoje posso dizer que sou um homem feliz, porque passar pelo que nós passamos no Brasil e chegar ao momento que estamos vivendo hoje, é o trabalho de milhões de pessoas que acreditaram, sobretudo, na recuperação da auto-estima daquele povo. Nós não temos o direito de deixar que haja qualquer retrocesso.

Por isso, tenho a certeza de que... eu tenho mais dois anos e três meses de mandato e dedicarei 24 horas por dia para que a gente avance, inclusive na questão do petróleo. Esse petróleo tem que servir para quatro coisas fundamentais: fortalecer a nossa Petrobras; fazer uma indústria naval forte e competitiva, como o Brasil já teve; construir uma forte indústria petrolífera no Brasil; fortalecer a nossa indústria petroquímica. Mas todo mundo no Brasil sabe que uma parte desse dinheiro, nós vamos utilizar para investir massivamente na educação e no combate à pobreza do nosso país. Somente assim, nós iremos nos transformar numa grande nação.

Muito obrigado pelo carinho.

(\$211B)